

CRUZADA DOS MILITARES **ESPÍRITAS**

Rua São Valentim, 142 – Tel (21) 2273-4896 – Fax (21) 2273-5790
20260-110 - Rio de Janeiro - RJ

MENSAGEM MAURÍCIA / 2007

*De autoria do Cruzado 6629, Ten Cel Ref Roberto Ângelo de Barros Padilha,
Presidente do Núcleo de Belo Horizonte da Cruzada dos Militares Espíritas.*

No ano de 284 assumia a Direção do Império Romano o imperador Diocleciano, soldado hábil e enérgico que decidiu convocar Maximiniano, outro chefe militar experimentado, com o fito de ajudar o imperador a combater graves problemas que se apresentavam a este, no comando do vasto império que, a esta altura, já começava a apresentar sinais inequívocos de decadência. Uma das primeiras missões atribuídas a Maximiniano foi debelar a rebelião dos bagaudos, povos germânicos que habitavam a Gália, em território onde hoje se encontra a Suíça. Com esse objetivo reúne um Exército, do qual faziam parte alguns corpos vindos do Oriente, dentre eles um que era formado por soldados cristãos sob o comando do Capitão Maurício. Esse corpo ficou conhecido como Legião Tebana, originária da Tebaida, no Alto Egito (e não de Tebas). Não se sabe exatamente qual era o efetivo de uma legião romana naquela época e, por conseguinte, também é difícil precisar o efetivo da tropa de Maurício. Dada a dificuldade de reunir em uma mesma tropa, naquela época, um grande número de soldados cristãos estima-se em cerca de 1000 o número de soldados comandados por Maurício. Havia a necessidade de compor um exército poderoso, experiente, adestrado e leal ao Império. A Legião Tebana, então já famosa por seus feitos militares, era naturalmente indicada para integrar tal Exército, o qual acampou em Octodorum (atual Martigny, Suíça).

Antes da campanha, Maximiniano determinou fossem feitos os solenes sacrifícios propiciatórios aos deuses pagãos, entre os quais contavam-se Roma e Augusto e o os próprios césares em exercício. Em respeito aos poderes constituídos de então, Maurício sempre primara por cumprir as ordens recebidas, mas, nesse dia, recusou-se com firmeza a participar daquilo que seria uma negação da sua fé cristã. Embora sem rebelar-se, o que seria possível, uma vez que Maurício dispunha de centenas de combatentes valorosos, obedientes e armados, ao seu comando. Simplesmente, recusa-se a cumprir a ordem, deixando ao encargo de cada subordinado a decisão de submeter-se aos desejos do imperador ou deixar-se imolar.

Enfurecido, Maximiniano ordena uma primeira dizimação que consistia em separar os soldados em grupos de dez e, de cada grupo, sortear um que seria executado em presença dos demais. Essa primeira e cruel dizimação não surtiu os efeitos desejados por Maximiniano pois estes combatentes, injustamente condenados à morte, submeteram-se com serenidade ao imerecido castigo, como já acontecera no passado com outros mártires do cristianismo. Maximiniano, enfurecido determina uma segunda dizimação a qual também não atingiu os seus propósitos. Contrariado diante da resistência estoica, Maximiniano determina o sacrifício dos sobreviventes, todos decapitados.

Escrevia-se com sangue, nos campos de Agauno, uma das páginas mais impressionantes do martirologio cristão.

Sabe-se consoante registros daquela época que bastaria a qualquer cristão condenado ao suplício renegar sua crença, prestando uma homenagem simples às divindades pagãs, para ser imediatamente libertado, o que, no entanto – para espanto dos romanos – era firmemente recusado pelos seguidores de Jesus que optavam pelo martírio com fidelidade à própria consciência.

Os soldados tebanos também sabiam disso, e devem, por certo, ter haurido forças para o gesto supremo no exemplo de serena coragem de seu Chefe.

É admirável o comportamento de Maurício e seus comandados diante da morte iminente e cruel. Somente a crença inabalável na vida eterna, em contraste com a efemeridade e a fragilidade da vida material pode assegurar tão grande desprendimento a um ser humano em tais circunstâncias.

Recordando a trajetória e o exemplo da Legião Tebana, que possamos encontrar neles a inspiração e o ânimo para a realização de nossas tarefas de divulgação da mensagem cristã, à luz dos ensinamentos espíritas, nos ambientes militares, mas, sobretudo, que possamos ser fiéis a nossos princípios para que eles transpareçam com clareza de nossas atitudes.